

MEDIAÇÃO ESCOLAR – INCLUSÃO E PACIFICAÇÃO DOS JOVENS PELA COMUNICAÇÃO

Lília Maia de Moraes Sales
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

*Uma vez que as guerras começam na mente dos homens,
é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas.*
Preâmbulo do Ato Constitutivo da UNESCO

INTRODUÇÃO

A violência e a exclusão escolar são problemas, atualmente, enfrentados pelas escolas brasileiras. Quando se discute a violência nas escolas (Abramovay, 2004), faz-se referência à violência externa (tráfico de drogas, gangues) como também à violência institucional (aquela que acontece a partir da má administração de conflitos cotidianos da escola - neste caso destaca-se a violência psicológica, fruto da inadequada relação existente entre alunos ou entre alunos e professores). A violência e a exclusão tornam o ambiente escolar hostil, desinteressante, refletindo-se em insegurança e em mal-estar. O sentimento de exclusão gerado pelo mal-estar vivido na escola corrói o ambiente escolar e necessita ser enfrentado a partir de uma análise acerca das causas desse mal-estar que estimula a violência.

O presente estudo visa analisar a relação entre a violência e exclusão, averiguando a realidade da escola na atualidade e propor caminhos (por meio de fundamentação teórica e empírica) para implementar políticas públicas que permitam a diminuição da violência (especialmente a violência que fere a mente dos jovens e dos adultos, tornando-os frágeis e afetando a sua auto-estima) e a existência de um sentimento de inclusão e de bem-estar.

Como metodologia desse trabalho foi realizado um estudo descritivo analítico, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental. O levantamento bibliográfico procurou referências acerca da educação, da violência (física e psíquica) nas escolas (causas e consequências), da exclusão escolar, dos problemas com a escola pública etc. Analisou-se a exclusão a partir da violência sofrida pelos jovens e adultos nas escolas (especialmente a violência psíquica). Buscou-se fundamentação teórica para criar mecanismos que efetivem a

inclusão dos alunos e garantam o bem-estar na escola. Com a pesquisa documental, foram levantadas pesquisas empíricas, que comprovaram quais os mecanismos que tornam a inclusão efetiva e diminuem a violência. Sugere-se a implementação de atividades com base na psicologia-positiva, tendo como proposta a mediação escolar e a capacitação para cidadania. Segundo a utilização dos resultados, a pesquisa é pura e de abordagem qualitativa.

1. A VIOLÊNCIA E A EXCLUSÃO ESCOLAR NA ATUALIDADE – UM SENTIMENTO DE MAL-ESTAR

“A gente vê xingamentos, o professor ofende e o aluno também ofende o professor; “Arma na calça de aluno e até mesmo ameaça de morte”; “Há cerca de duas semanas, aconteceram dois assassinatos dentro do colégio”; “Hoje mesmo eu já vi que tem uma pessoa com uma arma dentro da mochila, mas fazer o quê? “A escola não tem segurança”; “Só de trombar uma pessoa na outra, a pessoa já quer bater”; “É o tal do preconceito, né? Porque eu tenho seios grandes. Eles me rebaixavam”; “O conflito entre alunos e professores está muito comum na escola”; “Já ouvi dizer de um caso de um aluno que chegou a mencionar para uma professora que sabia onde ela morava, que algo poderia acontecer com a família dela”; “Houve muito preconceito, principalmente com a professora na antiga sala em que eu estudei, porque ela era negra, e os alunos ficavam discriminando ela, xingando, falando coisas; “Na hora da saída o que você vê? Drogas sendo vendidas escondido, dá para ver direto”.

Estas foram frases pronunciadas por alunos e professores durante a entrevista para o programa *Fantástico*, da rede Globo, sobre violência nas escolas, demonstrando a violência e a exclusão (mal-estar) vividas por alunos e professores dentro das escolas brasileiras.

Em pesquisa apresentada por Miriam Abramovay¹, realizada em 14 capitais brasileiras sobre a violência nas escolas, confirmou-se essa violência e dois tipos de violência escolar foram analisados: a interna e a externa. A interna, que é chamada pela pesquisadora de *institucional*, é aquela que ocorre contidamente dentro das escolas (ameaças verbais, agressão física,

¹ Miriam Abramovay é formada em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris e tem mestrado em Educação pela PUC de São Paulo. É professora da Universidade Católica de Brasília, consultora do Banco Mundial para assuntos relacionados à juventude. Realizou esta pesquisa nas unidades escolares de ensino fundamental e médio das redes municipal, estadual e particular, em 14 grandes cidades brasileiras de diferentes unidades da federação (Brasília-DF, Goiânia, Cuiabá, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre), sendo elaborada por meio de duas diferentes abordagens: extensiva e compreensiva. A primeira teve como objetivo mostrar o problema tal e qual ele apresenta-se no cotidiano do ambiente escolar, com a entrevista de 33.655 alunos, 3.099 professores e 10.255 de pais. A segunda dedicou-se ao estudo das manifestações sociais colhidas por meio da pesquisa. O resumo da pesquisa encontra-se no trabalho *A Violência e a Escola: O Caso Brasil* disponível no site <http://www.ucb.br/observatorio/artigos.htm>.

frustrações por falta de estrutura da escola) e a externa configura-se na violência em seus arredores (ex: tráfico de drogas) que também prejudica muito a escola. Nas palavras da socióloga:

Em primeiro lugar, existe uma violência que é da sociedade, e não da escola. Ela entra lá por se tratar de um espaço da juventude, cheio de adolescentes curiosos que são vistos como possíveis compradores de drogas. Uma vez instalada lá dentro, transforma a escola num lugar onde vale tudo, onde as regras não são claras e onde professores, diretores e alunos têm medo. Onde impera a lei do silêncio e da ameaça, que é a lei do tráfico. Mas existe também uma violência que é interna à escola, que eu chamo de institucional.

A violência externa estimula a inadaptação social que é reflexo da educação indevida por parte da família ou pelo meio onde os jovens vivem (bairro violento, alcoolismo, drogas, tráfico, prostituição, violência doméstica, resolução de conflitos com base na agressão verbal ou física), estimulando esses jovens a agir conforme o que vivenciam diariamente. São poucas as referências positivas. Miriam Abramovay continua explicando sobre a violência institucional:

A violência institucional é aquela que está no cotidiano da sala de aula, que faz parte do sistema educacional. Se levarmos em conta o fato de que 25% dos alunos já repetiram pelo menos uma vez, ou que a cada ano, 4% são expulsos das escolas, perceberemos que temos um sistema violento, que não está sabendo fazer seus estudantes passarem de ano. Não acho que o problema seja o mecanismo da reprovação, mas as razões que levam a ela. Isso sem falar na frustração que um jovem sente ao saber que dificilmente vai entrar numa universidade, porque as públicas são difíceis de entrar e as particulares são caras. Por outro lado, existem também os gritos, as agressões verbais, a falta de respeito do professor em relação aos alunos e vice-versa, sem falar na questão do racismo. Existe no Brasil o chamado racismo cordial, em que os próprios negros encaram xingamentos como brincadeira. Essas todas são formas simbólicas de violência.

Em estudo realizado por Margarida Matos e Suzana Carvalhosa², no ano de 2001, em várias escolas de Portugal, escolhidas de forma aleatória (sorteio), com 6903 alunos de idades entre 11 e 16 anos, analisou-se a violência nas escolas entre vítimas e provocadores, quanto às mais variadas formas de violência. A pesquisa pode ser resumida com os seguintes dados:

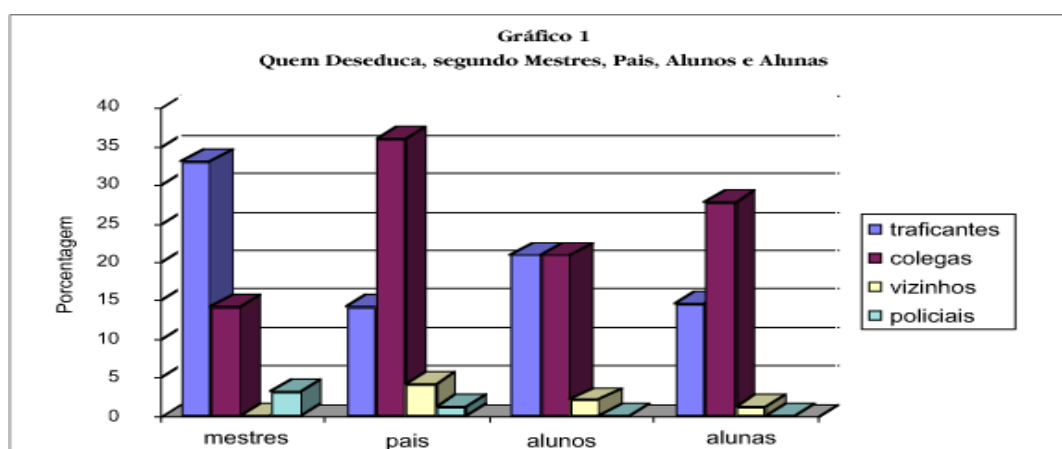
- ◆ 25.7% dos jovens entrevistados já estiveram envolvidos com atos de violência, tanto como vítimas quanto como provocadores;
- ◆ 58% das vítimas de violência são jovens do sexo masculino;

² Nesse mesmo estudo as pesquisadoras avaliam a saúde física e mental na idade escolar e percebem que os alunos envolvidos com atos de violência são normalmente aqueles que apresentam sintomas físicos (dores de cabeça, dores de estômago, dores nas costas e tonturas) e sintomas psicológicos (sentir-se deprimido, irritabilidade, mau temperamento, nervosismo, dificuldade de adormecer). Maiores detalhes da pesquisa vide www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/saudemental/pdf.

- ◆ A idade mais comum para o envolvimento com atitudes violentas é por volta de 13 anos de idade;
- ◆ Os atos de provocação de atos violentos estão comumente associados a jovens envolvidos com álcool ou tabaco ou ainda com o consumo drogas no mês anterior à entrevista;
- ◆ 19,08% dos jovens que participaram da pesquisa envolveram-se em agressões físicas nos meses anteriores à pesquisa;
- ◆ a maior parte das vítimas é de jovens que portam armas (facas ou pistolas) para a própria defesa;
- ◆ Aqueles adolescentes que assistem à televisão mais de quatro horas por dias são os que mais comumente estão envolvidos em atos de violência;
- ◆ Para os provocadores de violência a comunicação com familiares é difícil;
- ◆ 16,05% das vítimas vivem em famílias monoparentais e 10,9% dos provocadores vivem com famílias reconstruídas;
- ◆ As vítimas e os provocadores de violência não possuem gosto pela escola, sentem aborrecimento em ter que freqüentar a escola e entendem o espaço escolar como inseguro;
- ◆ Quanto à relação entre professores e alunos provocadores ou vítimas de violência, para os jovens entrevistados, os professores não lhes dão liberdade para expressar suas seus pontos de vista, são distantes, tratam-nos com indiferença, normalmente são injustos e não demonstram qualquer interesse por eles;
- ◆ Quanto ao relacionamento entre os alunos, a pesquisa esclarece a falta de integração, exclusão dos colegas entre si, falta de boas amizades, dificuldade de se fazer amigos.

Essa pesquisa confirma a violência extena (fatores exógenos) e interna (fatores endógenos), o que resulta no mal-estar e na exclusão vividos pelos alunos na escola. Confirmam-se, assim, como desencadeadores de atos violentos, a desagregação familiar, o uso de drogas, a posse de armas, tempo excessivo expostos à televisão, ambiente escolar pouco atrativo e inseguro, péssima relação entre alunos e professores (indiferença, pouco diálogo, sentimento de injustiça), dificuldade de relacionamento entre os alunos (pouca cooperação ou solidariedade).

Em outra pesquisa³, realizada por Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (2001), revela-se a dificuldade do relacionamento entre os alunos da escola quando os entrevistados (mestres, pais, alunos e alunas) foram questionados sobre “*quem deseduca*” no ambiente escolar. Para todos os entrevistados, os colegas são os maiores responsáveis pela influência para a realização de atos indevidos cometidos pelos jovens, sendo maior inclusive do que a influência dos traficantes. O resultado desse questionamento foi representado de acordo com o gráfico (desenhado e publicado pelas pesquisadoras) a seguir:



As pesquisadoras apresentaram como conclusões dessa pesquisa o seguinte:

além da violência física, crianças e adolescentes pobres estão, freqüentemente, sujeitos também à violência psicológica que se manifesta nos processos de avaliação e nas formas de interação que se estabelecem entre diretores, professores, funcionários, alunos e responsáveis. Essas considerações demonstram porque a maioria dos entrevistados tende a valorizar, na “boa escola”, o diretor que organiza (19% dos responsáveis), o funcionário que respeita (30% dos meninos) e o professor que impede a bagunça (24% dos meninos). Os entrevistados valorizam, sobretudo, a segurança e a organização interna da escola (40% no CIEP e 21% na escola comum). A expressão que mais se ouviu nas entrevistas foi “dar-se ao respeito”, síntese de um desejo da população residente em áreas pobres de ter reconhecida a sua dignidade, mas igualmente de reconhecer a dignidade do diferente.

³

A pesquisa intitulada “*o que pensam os pobres sobre a escola*” centrou-se nas relações entre a escola e os pobres, no tipo de escola oferecida a esse segmento da população e na maneira como crianças e adolescentes (alunos, ex-alunos, evadidos) e adultos (responsáveis, lideranças, professores, diretores) percebiam e avaliavam a escola pública e a qualidade da educação que ela presta a seus usuários. A investigação foi realizada em escolas comuns e CIEPs existentes em três áreas da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (favela da Mangueira no Município do Rio de Janeiro; favelas Vila Nova e Vila Ideal em Duque de Caxias e o loteamento Jardim Catarina em São Gonçalo). Nessas áreas foram realizadas 246 entrevistas, a maioria das quais com alunas entre 11 e 13 anos, mas abrangando também alunos nesta faixa etária e de 14 a 17 anos e adultos maiores de 40 anos.

É necessário retomar com urgência o debate sobre a educação moral no seu sentido contemporâneo de autonomia moral, entendida como preparação para o exercício da cidadania nas escolhas éticas feitas e no respeito às demais possíveis na convivência pacífica, isto é, naquelas escolhas que não implicam a destruição ou o silenciamento dos outros. Sobretudo, a autonomia na participação na vida pública em seus diversos canais, como princípio condutor e possivelmente redutor de situações de violência (grifos nossos).

A violência nas escolas, indiscutivelmente, é um fator que assusta e prejudica (prejuízos físicos e psicológicos) os jovens de todo o Brasil. Essa violência, aqui confirmando pela pesquisa relatada, não é somente a violência física, mas a verbal e ainda a violência que significa a *falta de esperança em um futuro melhor*, tendo em vista que as estruturas das escolas públicas brasileiras e o ambiente escolar (falta de respeito e de diálogo) causam um sentimento de mal-estar naqueles que as freqüentam (alunos, professores e funcionários). Esse mal-estar torna a escola uma ambiente hostil, pouco atrativo, que apresenta várias conseqüências: alto índice de reprovação, evasão escolar, exclusão (o sentimento de exclusão, isolamento e solidão) e o ciclo vicioso da violência.

Os dados⁴ acerca da realidade da escola pública são preocupantes, tanto no que se refere às suas estruturas e condições de oferecer um local adequado para o estudo e convivência quanto

⁴ O material divulgado na imprensa expressa a preocupação com o fracasso da educação brasileira. Matéria publicada em 1993 na revista *Veja* apresentou um mapa do fracasso escolar no Brasil. Em um quadro comparativo do índice de evasão escolar no final do ensino fundamental envolvendo dez países (Japão, Alemanha, Uruguai, URSS, Iraque, China, Paquistão, Moçambique e Haiti) o Brasil é classificado em 9º lugar, com um percentual de 82% de evasão. A carga horária semanal do Brasil variava de 12 a 30 horas (ano letivo de 180 horas), ao passo que países como Argentina e Venezuela, com os mesmos dias letivos do Brasil, apresentavam uma carga semanal de 25 a 30 horas. Dados publicados em 1995 no jornal *O Globo* revelaram a manutenção dessa situação: enquanto países como Bolívia, Paraguai, Peru, Venezuela, Chile e Uruguai apresentavam um percentual de alunos que concluíram o ensino fundamental de 64%, 68%, 70%, 73%, 85%, 86%, 87% e 92%, respectivamente, o Brasil não atingiu 33%. A respeito da violência que circunda a vida dessas crianças e adolescentes o texto da *Veja* é contundente: "Pelas estatísticas é mais fácil que uma criança negra nascida na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, nos Alagados do Recife ou na Zona Leste de São Paulo morra dum tiroteio do que chegue à universidade". Como vimos, essa probabilidade de morrer jovem é várias vezes superior à de chegar até a universidade. O texto é ainda bastante crítico com respeito às soluções alternativas apresentadas por alguns intelectuais e políticos para modificar a situação do ensino fundamental: caso do CIEP e CIAC, por exemplo. Registra que os índices de evasão e repetência dos CIEPs no Rio de Janeiro são idênticos aos das escolas comuns, com o agravante de que o custo do aluno é quatro vezes maior: "Os CIEPs fluminenses e os CIACs do governo federal, espécimes gêmeos de escolas de tempo integral, entretêm seus alunos com assistência social e recreação, mas o ensino, que é bom, fica para segundo plano e só ocupa quatro horas do dia." (*Veja*, "Máquina de cuspir criança", 20/11/1991, p. 52). Esta referência foi feita por Alba Zaluar e Maria Cristina Leal em *Violência extra e intramuros*. Disponível in http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000100008&lng=es&nrm=iso&tlng=pt.

à competência de seus professores para transmitir conhecimentos básicos e proporcionar ensinamentos morais e éticos.

Quando se somam os problemas de violência externa e interna aos quais os jovens e os adultos estão expostos (que deixam seus corpos e mentes vulneráveis), especialmente aquelas que os diminuem como seres humanos, que os destratam e destróem sua auto-estima, ao ambiente inadequado para o bom desempenho acadêmico, percebe-se que é crescente o mal-estar e a infelicidade vividos por eles.

Como esclarecem as conclusões apresentadas por Alba Zaluar e Maria Cristina Leal grifadas acima, devem ser criadas práticas que reconheçam e tratem a violência psicológica, criem formas de interação entre os segmentos da escola, que organizem a escola de modo a dar segurança e principalmente que proporcionem o respeito mútuo, tendo cada aluno, professor e funcionário sua dignidade reconhecida e o entendimento da dignidade do outro, preparando-se para o exercício da cidadania por meio da convivência pacífica.

2. A CONSTRUÇÃO DA INCLUSÃO E DA PACIFICAÇÃO POR MEIO DO SENTIMENTO DE BEM-ESTAR – O ESTUDO DA PSICOLOGIA POSITIVA

A psicologia positiva configura o ramo da psicologia que pretende valorizar sentimentos como otimismo, felicidade, altruísmo, esperança, alegria, satisfação para a compreensão, prevenção e tratamento de patologias. De recente discussão, busca compreender, por meio da pesquisa científica, os processos subjacentes às qualidades e emoções positivas do ser humano. O seu objetivo é analisar novos conhecimentos acerca da psique humana, não somente para resolver problemas de saúde mental, mas também para alcançar melhor qualidade de vida e bem-estar, sem desviar-se da mais rigorosa metodologia científica. Possui três pilares: o primeiro é o estudo da emoção positiva; o segundo é o estudo dos traços positivos, principalmente as forças e as virtudes; o terceiro é o estudo das instituições positivas (família, liberdade), que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apóiam as emoções positivas.

Em entrevista ao site psicologia-positiva.com, Seligman explica o que entende como a receita da felicidade, a partir da psicologia positiva. Ressalta ele que possui três níveis⁵ de vida feliz: a vida prazerosa, a vida boa e a vida com sentido. Para a primeira, a receita é recheiar a vida de todos os prazeres possíveis e aprender mecanismos para desfrutá-los ao máximo. Por exemplo, compartilhá-los com outros, aprender a descrevê-los e recordá-los e também utilizar de técnicas como a meditação para que os prazeres sejam mais conscientes. Este, porém, é o nível mais superficial. O segundo nível, a vida boa, que se refere ao que Aristóteles chamava eudaimonia, agora chamamos de estado de *flujo*. Para conseguir esta fórmula é necessário conhecer as próprias virtudes e talentos e reconstruir a vida para colocá-los em prática o máximo possível. O terceiro nível consiste em colocar suas virtudes e talentos a serviço de algo que sinta mais importante do que você mesmo. Desta maneira a pessoa oferece um sentido a sua vida. Assim, a felicidade mais profunda é aquela em que a pessoa reconhece suas virtudes e forças positivas, as direciona para algo mais importante do que a pessoa como um indivíduo. É a busca do sentido. Aliam-se, então, sentimentos positivos a um propósito nobre.

Ao analisar o bem-estar causado por atividades prazerosas (ir ao cinema, restaurantes) e atividades de generosidade (ensinar), o professor Seligman questiona qual delas oferece ao ser humano maior sentimento de felicidade. Em pesquisa⁶ com seus alunos na Universidade de Virgínia, percebeu que o sentimento de conforto que ficou a partir da atividade prazerosa foi inferior à deixada pela prática de atividade de bondade. Por isso Seligman aponta a vida prazerosa como mais superficial (mas não deixa de ser uma expressão de felicidade). O bem-estar

⁵ No original: En realidad tengo tres, que se aplican a tres niveles que llamo la vida placentera, la vida buena y la vida con sentido. Para la primera la receta es llenar la vida de todos los placeres posibles, y aprender una serie de métodos para saborearlos y disfrutarlos mejor. Por ejemplo compartirlos con los demás, aprender a describir y recordarlos, y también utilizar técnicas como la meditación para ser más conscientes de los placeres. Pero este es el nivel más superficial. El segundo nivel, el de la buena vida, se refiere a lo que Aristóteles llamaba eudaimonia, que ahora llamamos el estado de flujo. Para conseguir esto la fórmula es conocer las propias virtudes y talentos y reconstruir la vida para ponerlos en práctica lo más posible. Con esto se consigue no una sonrisa sino la sensación de que el tiempo se para, de total absorción en lo que uno hace. La buena vida no es esa vida pesada de pensar y sentir, sino de sentirse en armonía con la música vital. Creo que mi perro lo podría resumir así: “corro y persigo ardillas, luego existo”. El tercer nivel consiste en poner tus virtudes y talentos al servicio de alguna causa que sientas como más grande que ti. De esta manera dotas de sentido a toda tu vida. Disponible in <http://www.psicologia-positiva.com/entrevista.html>.

⁶ Em sala de aula o Professor Seligman pediu para que cada aluno praticasse uma atividade prazerosa (ir ao cinema com os amigos, tomar um sorvete etc) e uma atividade de bondade (ensinar a tarefa do irmão, ajudar a mãe a arrumar a casa) e de cada uma dessas atividades deveria ser elaborado um relatório sobre a sensação causada a partir de cada experiência.

autêntico, portanto, é fruto da integração das forças e virtudes do ser humano, que, por sua vez, são as características positivas que levam aos bons sentimentos e à gratificação. Ressalta Seligman, ainda sobre integração de forças e virtudes para alcançar a felicidade, que:

A crença de que existem maneiras rápidas de alcançar felicidade, alegria, entusiasmo, conforto e encantamento, em vez de conquistar esses sentimentos pelo exercício de forças e virtudes pessoais, cria legiões de pessoas que, em meio a grande riqueza, definham espiritualmente. Emoção positiva desligada do exercício do caráter leva ao vazio, à inverdade, à depressão e, à medida que envelhecemos, à corrosão de toda a realização que buscamos até o último dia de vida (Seligman, 2004, p.22).

A psicologia positiva sugere que a combinação dos três níveis possibilita a autêntica felicidade⁷. O resgate desse sentimento de felicidade (fruto da valorização das virtudes do ser humano), a partir do reconhecimento do potencial de cada pessoa de ser feliz e daí viver melhor, contagiar o ambiente em que vive de bons sentimentos, é um caminho para combater a violência e promover a inclusão das pessoas no ambiente em que vivem.

A partir dessa fundamentação teórica e comprovações empíricas (que garantem a eficácia de atividades com base na psicologia positiva) e, ainda, reconhecendo o mal-estar vivenciado

⁷ Em um dos maiores estudos sobre felicidade e longevidade, descrito pelo psicólogo Martin Seligman (Seligman, 2004, p.18), várias freiras de um mesmo convento foram objeto de estudo. As freiras tinham horários e atividades parecidos, praticamente a mesma alimentação, tempo de descanso, não fumam, não ingerem bebidas alcoólicas. Assim quase todos os aspectos que podem causar variação nos resultados da pesquisa são eliminados. Mesmo com hábitos e histórias parecidas, as freiras demonstraram grande variação quanto à saúde e tempo de vida. A pesquisa demonstrou (com base em estudos das biografias das freiras – e as expressões que elas usavam para descrever suas vidas) que entre as mais alegres – classificadas no segmento superior – 90% viveram até os 85 anos, contra apenas 34% do segmento inferior. Seguindo a mesma tendência, 54% das mais alegres viveram até os 94 anos contra 11% das menos alegres. A pesquisa demonstrou que a expressão de sentimentos felizes, positivos, resulta em uma vida mais longa. Em outro estudo, realizado por Dacer Keltner e LeeAnne Harker (Seligman, 2004, p.19), da Universidade da Califórnia, analisou-se o tipo de sorriso das pessoas (sorrisos autênticos, que ressaltam alegria verdadeira e sorriso forçado) em 141 fotos dos formandos de 1960 de Mills College. Apenas três mulheres não estavam sorrindo. Entre as que estavam sorrindo, metade apresentava sorriso autêntico. Todas essas mulheres foram contatadas, pelos pesquisadores, aos 27, 43 e 52 anos de idade e interrogadas a respeito do seu casamento e satisfação pessoal. A pesquisa revelou que entre as mulheres que exibiam o sorriso autêntico, em média, havia um número mais elevado de mulheres que continuavam casadas e que experimentavam maior bem-estar pessoal naqueles 30 anos analisados. Averiguou-se ainda que a beleza das mulheres teria influenciado no resultado da pesquisa. Revelou-se, então, que a aparência física não tinha ligação com o bom casamento ou satisfação pessoal. O resultado da pesquisa, essencialmente, é que a mulher com o sorriso autêntico tem uma maior probabilidade de ser feliz. Os dois estudos mostraram que o simples retrato (exteriorização) de uma emoção positiva passageira pode prever convincentemente a longevidade e a satisfação pessoal. O otimismo, por sua vez, é outro fator importante para a longevidade. Cientistas da Mayo Clinic, em Rochester, Minnesota, selecionaram 839 pacientes que tinham iniciado o seu tratamento lá, 40 anos antes (Seligman, 2004, p.24). Quando da admissão, os pacientes passam por uma rotina de testes físicos e psicológicos, em que se avalia seu grau de otimismo. Destes pacientes, 200 já tinham morrido no ano de 2000, e comparados aos pessimistas, os otimistas conseguiam viver 19% acima das expectativas.

pelos jovens nas escolas (falta de diálogo, pessimismo, falta de atenção, desvalorização do ser humano), deve-se buscar práticas (políticas públicas) que incentivem o sentimento de felicidade e bem-estar (generosidade, escuta, solidariedade, valorização de si e do outro, fortalecimento da cidadania) como mecanismos mitigadores da violência e da exclusão nas escolas.

3. A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS ESCOLARES – UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO E PACIFICAÇÃO POR MEIO DO DIÁLOGO E VALORIZAÇÃO HUMANA

A violência, tão presente no meio escolar na atualidade, acaba destruindo os vínculos existentes entre os jovens, tornando-os cada vez mais individualistas, indiferentes à existência do próximo e excluídos do meio em que vivem. A violência geralmente ocorre quando não existe espaço para escuta ou a palavra (causando o sentimento de exclusão) ou quando não existem meios de canalizar a agressividade, resultando em conflito mal-administrado.

Sobre esse ponto, é interessante a colocação de Marcelo Rezende Guimarães quando diz que

a violência, tanto na educação como no conjunto da sociedade, constitui-se como uma forma de expressão dos que não têm acesso à palavra (...). Quando a palavra não é possível, a violência se afirma e a condição humana é negada. Neste sentido, a reversão e a alternativa à violência passam pelo resgate e devolução do direito à palavra, pela oportunidade de expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, pela criação de espaços coletivos de discussão, pela sadia busca do dissenso e da diferença, enfim, pela mudança das relações educacionais, ainda estruturadas no mandar e obedecer, para uma forma mais democrática e dialógica (Guimarães, 2004, p.3).

Nesse contexto, a mediação busca solucionar e também prevenir a má administração dos conflitos que se desenvolvem na instituição de ensino. Ela se revela importante porque “se presenta como una herramienta que puede aportar a la resolución constructiva de conflictos, en especial en una organización donde sus integrantes se encuentran frente al desafío de convivir todos los días espetando sus diferencias” (Oliveira, 2004). A resolução construtiva dos conflitos implica em compreender o conflito como algo natural, simplificando a existência de divergências, facilitando a sua resolução. É a resposta que se dá aos conflitos que os torna positivos ou negativos, construtivos ou destrutivos. A questão é como resolvê-los, se por meios violentos ou não violentos (Guimarães, 2004, p.2). Administrar os conflitos, entendendo a possibilidade de ambas as partes saírem vencedoras – ganha-ganha (Bolstad e Hamblett, 2006).

Robert Cedar, da Boston University, revisou 26 diferentes estudos de pesquisa sobre a solução de conflitos entre pais e filhos, pelo método ganha-ganha, e mostrou que é significativamente mais bem-sucedido do que todos os outros modelos estudados, especialmente porque aumenta a auto-estima e a capacidade de cooperação (Bolstad, 2003, p.2).

Maria do Céu Lamarão Battaglia salienta que

redefinir a noção de conflito implica no reconhecimento do mesmo como uma parte da vida que pode ser utilizada como oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal. Considerando-se que o conflito é inevitável, a aprendizagem da habilidade em resolvê-los torna-se tão educativa e essencial quanto a aprendizagem da matemática, história, geografia etc., sendo que, na maioria das ocasiões, as próprias crianças podem resolver seus conflitos de maneira tão adequada quanto com o auxílio dos adultos (Battaglia, 2004).

A mediação, por meio do diálogo e da escuta ativa, possibilita que as partes exponham o problema, se percebam, possibilitando que os envolvidos consigam encontrar a melhor solução para as divergências a partir do reconhecimento do mundo e do sofrimento do outro, ponderando as suas atitudes. Uma técnica fundamental que auxilia a administração pacífica dos litígios é “comprender los sentimientos de la outra parte, interpretar su cultura, entendiendo las diferencias y no considerándolas como deficiências para lograr ponerse en el zapato del otro”⁸.

Maria do Céu Lamarão Battaglia argumenta que

considerando a escola como instituição que objetiva a educação cultural e social do homem, a mediação escolar se coloca como um convite à aprendizagem e ao aperfeiçoamento da habilidade de cada um na negociação e na resolução de conflito, baseada no modelo ‘ganha-ganha’, onde todas as partes envolvidas na questão saem vitoriosas e são contempladas nas resoluções tomadas” (Battaglia, 2004).

A mediação escolar caracteriza-se por possibilitar, dentro da escola, a educação em valores, a educação para a paz e uma nova visão acerca dos conflitos, possibilita a transformação das atitudes pela comunicação. Ada Corti afirma que não apenas a solução, mas também a prevenção de conflitos é possível na medida em que se entende a mediação como

un proceso de comunicación y podemos implementarla no como una técnica sino como un método pedagógico, válido para todos los actores sociales: padres, alumnos, docentes, directivos, administrativos etc. Basado en la escucha, la aceptación, la comprensión y el

⁸ Fonte: EICaMe – Equipo Interdisciplinario Capacitador en Mediación Educativa. “ Manifiesto 2000 por una cultura de paz y no violencia y la mediación escolar”.

respeto por los miembros de un sistema, donde la diversidad, el otro, tiene cavida y aceptación (Corti, 2004).

Este enfoque da mediação privilegia a formação participativa dos estudantes, incluindo-os nas decisões escolares, criando um compromisso social e exercitando a cidadania, em prol de uma educação que objetive formar jovens comprometidos com sua realidade familiar, social, política, econômica e social. Corroborando esse entendimento de pacificação pela cooperação⁹, Lauren Bradway explicita algumas dicas para o professor:

Retire toda a ênfase das estrelas de ouro, fitas azuis e notas. Enfatize o auto-conhecimento, a empatia pelos outros e a alegria de aprender. O aprendizado cooperativo dá suporte a pacificação. Se continuarmos a patrocinar a competição, jamais teremos sucesso em ensinar nossas crianças a serem apaziguadoras (Bradway, 2006).

Mirta Gómez Olivera completa, dispondo que “mediar es pacificar, extender la cultura de la mediación en cualquier campo es haber optado por un futuro más humano, más civilizado, de soluciones más duradoras en los métodos de resolver conflictos inherentes a toda vida en sociedad” (Oliveira, 2004). Percebe-se, assim, a transformação das atitudes violentas e exclusivas em atitudes pacíficas e inclusivas por meio da comunicação efetiva fundamento da mediação.

Em 1999, Richard Bolstad e Margot Hamblett, realizaram pesquisa em uma escola em Christchurch, Nova Zelândia, que apresentou como pressuposto fundamental *a solução de conflitos com base na transformação pela comunicação*. Um grupo de professores participou de um curso de treinamento em “Transformação pela Comunicação” – TC (que inclui, dentre outras atividades, técnicas de escuta e de um modelo ganha-ganha de resolução de conflitos) que passaram a lecionar a partir desse novo paradigma. Três turmas de alunos foram avaliadas na pesquisa. Nessas turmas, pelo menos três professores que participaram do treinamento estavam lecionando. A pesquisa foi realizada por meio de questionários aplicados antes e depois do treinamento e da intervenção dos professores em sala de aula com base na TC.

⁹ Explicam Richard Bolstad e Margot Hamblett sobre a relação cooperativa entre pais e filhos (que pode ser aplicado para professores e alunos, alunos e alunos, ou seja os diversos segmentos da escola) O relacionamento cooperativo entre pais e filhos repousa numa compreensão muito simples: **As soluções de sucesso são aquelas que são iniciadas pelas pessoas que as desejam, a fim de atender seus próprios objetivos básicos**. Leia novamente essa frase. Essa compreensão significa que quando estamos numa relação, é de vital importância deixar bem claro quais são os objetivos de cada um. Na teoria de solução de conflitos, isso se chama identificar a quem pertence o problema (um problema é uma lacuna entre o que você é e o que você deseja alcançar).

Vários foram os resultados, tanto para os professores como para os alunos, a partir do novo comportamento do professor em sala. Entre os professores, sua maioria reportou estar mais confiante, mais positiva, ao falar com os alunos, mais capaz de ouvi-los, percebendo que solução satisfatória de conflitos entre professor e aluno passou a ser possível. Reportaram ainda que a relação com os alunos, com os professores entre si e, inclusive, os relacionamentos na vida pessoal tinham sido beneficiados pelo treinamento. Para os alunos, as mudanças também foram significativas. O número de alunos que passou a não chegar atrasado subiu em 40%, os alunos passaram a participar mais na sala de aula (de 9% para 13%), a percepção dos professores sobre a importância do auxílio dos professores aumentou de 7% para 11%. Quanto ao nível de violência e intimidação na sala de aula, os alunos que disseram não mais acontecer, aumentou em 32%, sobre insultos os 100% do grupo reportaram que não acontecia mais e ao responder a pergunta se *na semana passada você viu um aluno bater, machucar ou maltratar outro aluno*, o índice de alunos que respondeu que não viu aumentou de 46% para 64%.

A pesquisa concluiu, portanto, que entre os professores e alunos, a partir da mudança na comunicação entre eles (cooperação, ganha-ganha, escuta), o seu relacionamento apresentou uma evolução significativa, modificando o comportamento de cada um, possibilitando um sentimento de bem-estar na escola. Esse bem-estar incentivou a participação do aluno, a interação professor-professor, aluno-professor, aluno-aluno, possibilitando uma real inclusão, uma valorização do ser humano, um sentimento de bem-estar, diminuindo a violência.

A mediação escolar (que trabalha a transformação pela comunicação), portanto, tem como resultados: desenvolver uma comunidade na qual os alunos desejem e sejam capazes de praticar uma comunicação aberta; ajudar os alunos a desenvolverem uma melhor compreensão da natureza dos sentimentos, capacidades e possibilidades humanas; contribuir para que os alunos compartilhem seus sentimentos e sejam conscientes de suas qualidades e dificuldades; possibilitar aos alunos desenvolver autoconfiança em suas próprias habilidades; e desenvolver no aluno a capacidade de pensar criativamente sobre problemas e a começar a prevenir e solucionar os conflitos (Battaglia, 2004; Schabbel, 2002).

CONCLUSÕES

Como conclusões deste estudo podemos apontar os seguintes aspectos:

- ◆ as escolas na atualidade vivenciam a violência externa (tráfico de drogas, gangues etc.) e a violência institucional ou interna (problemas do cotidiano escolar mal-administrados);
- ◆ dos tipos de violência destaca-se a violência psicológica, mais complexa e de difícil discussão dada a sua subjetividade. Essa violência atinge especialmente os jovens das escolas brasileiras, diminuindo-os como seres humanos. É uma violência silenciosa, contínua, que corrói a sua autoestima e a sua dignidade, tornando-os excluídos do meio em que vivem;
- ◆ a violência psicológica, fruto da má administração de conflitos entre alunos-alunos, alunos-professores, resulta em um desinteresse pela escola (evasão escolar, baixa frequência, poucas perguntas ou participação em sala de aula), torna a escola um ambiente hostil, inseguro;
- ◆ sendo a escola um ambiente onde os jovens são destratados, diminuídos, desrespeitados pela falta do diálogo, pelo desinteresse em escutar o que eles têm a dizer sobre a escola, sobre os problemas diários, inicia-se e solidifica-se a sua exclusão;
- ◆ a exclusão dos alunos que estão matriculados nem sempre é discutida pelos gestores e responsáveis por implementação de políticas públicas, restando os questionamentos apenas para mecanismos de inclusão dos alunos (números de matrículas). Esse é um problema grave, pois os alunos que estão matriculados vivem uma exclusão que massacra, pois para as estatísticas governamentais estão incluídos, mas, na verdade, vivem excluídos – não lhes é dado o direito à voz, à atenção, à preocupação, à dignidade como seres humanos;
- ◆ essa exclusão e atos de violência física e psíquica contínuos são um ciclo vicioso;
- ◆ a exclusão e a violência resultam em um mal-estar freqüente que resulta inclusive em danos à saúde (físicos e psicológicos);
- ◆ para enfrentar a exclusão vivida pelos jovens das escolas brasileiras, tendo em vista o tipo de exclusão aludida, são necessárias práticas que valorizem o ser humano, coloque-os como o centro das atenções, considerem-nos protagonistas de seus meios;
- ◆ práticas que valorizam e incentivam os bons sentimentos das pessoas (esperança, solidariedade) causam um bem-estar que possibilita mitigar a violência e a exclusão;
- ◆ essas práticas possuem fundamentação teórica na psicologia positiva que configura o ramo da psicologia que pretende valorizar esses bons sentimentos (otimismo, felicidade, altruísmo,

esperança, alegria, satisfação), influenciando a compreensão, prevenção e tratamento de patologias psíquicas e físicas (muitas vezes decorrentes de problemas psicológicos);

- ◆ vários estudos empíricos comprovam a influência efetiva de práticas fundamentadas na psicologia positiva;

- ◆ o prazer, o engajamento (forças e virtudes - os sentimentos positivos que nos levam ao compromisso que nós temos com a nossa vida) e o sentido que se dá à vida, possibilitam a autêntica felicidade, o bem-estar permanente que contagia o ambiente em que se vive, combatendo a violência e promovendo a inclusão das pessoas (pois essas pessoas são ouvidas e valorizadas);

- ◆ a transformação da relação das pessoas pela comunicação (inclusiva, que valoriza as pessoas e fundamenta-se na cooperação e no ganha-ganha) incentiva a inclusão e a boa administração de conflitos;

- ◆ pesquisas empíricas comprovam a mudança positiva (bem-estar) no relacionamento entre alunos-alunos, alunos-professores, professores-professores, a partir da comunicação com base na escuta, no respeito pelo outro, na cooperação no ganha-ganha (transformação pela comunicação);

- ◆ a mediação de conflitos, como meio de solução, que entende o conflito como algo natural, necessário para o aprimoramento das relações, que incentiva a escuta e a compreensão do outro, que exige que os envolvidos no conflito sejam os responsáveis por sua solução, que os valoriza, que os inclui, configura uma prática que promove a inclusão e a pacificação;

- ◆ a mediação, portanto, fundamenta-se na psicologia positiva, estimula a transformação pela comunicação, preocupação com o ambiente em que se vive, objetiva a solução e prevenção de conflitos, com base em sentimentos positivos, e possibilita a inclusão e a pacificação sociais;

- ◆ a mediação escolar é aquela realizada no âmbito escolar e envolve os diversos segmentos da escola. Apresenta como objetivo implementar a cultura da paz, do diálogo, do bem-estar, entre alunos, professores e funcionários da escola, oferecendo, por meio dos recursos da mediação de conflitos, novos paradigmas de convivência aplicáveis em todas as situações de sua vida – na escola, em casa e no contexto social no qual estão inseridos – participando ativamente na solução dos conflitos, contribuindo para uma sociedade participativa, sem exclusão em qualquer nível, mais justa e pacífica. Assim, as atividades têm por fim incentivar a criação de uma nova

mentalidade de colaboração e de não violência, contribuindo para uma formação mais cidadã dos alunos da escola;

◆ A implementação e a prática da mediação de conflitos, aliada à discussão e informação sobre direitos cotidianos, por sua essência, configuram um mecanismo eficaz de inclusão social, tendo em vista que incentiva o espaço de discussão e informação, oferecendo aos jovens um espaço e uma cultura da escuta e da comunicação efetiva, possibilitando, especialmente, a participação ativa na solução dos conflitos individuais e coletivos. Os jovens, antes excluídos, aprendem a se comunicar, qualificam-se teoricamente e passam a ser partícipes da boa administração dos conflitos escolares, valorizando-se com seres humanos capazes de atuar em benefício de grandes causas. A mediação escolar dá voz e atenção (valorização) aos jovens que antes restavam calados e indiferentes.

REFERÊNCIAS

a) Livros e Artigos

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, Inst. Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAIDS, Fundação FORD, CONSED, UNDIME, 2004.

BATTAGLIA, Maria do Céu Lamarão. **Mediação escolar: uma metodologia de aprendizado em administração de conflitos**. Disponível in <<http://www.rogeriana.com/battaglia/mediac01/mediac01.htm>>. Acesso em 8 mai. 2004.

BENEDITA, Elsa Dulce Ferreira. **A Mediação em acção na Escola Básica 2 Frei Antônio Brandão**. Disponível in <http://www.campus-oei.org/revista/experiencias21.htm> Acesso em 26.09.2004.

BOLSTAD, Richard, HAMBLETT, Margot. **Evitando a violencia nas escolas: uma solução baseada na PNL**. Disponível in <http://www.golfinho.com.br/artigos/artigodomes200305.htm>. Acesso em 10.01.06.

BOLSTAD, Richard, HAMBLETT, Margot. **Vivendo com crianças de maneira cooperativa**. Disponível in <http://www.golfinho.com.br/artigos/artigodomes200303.htm>. Acesso em 10.01.2006.

BOLSTAD, Richard, HAMBLETT, Margot. **Ganha-Ganha** <http://www.golfinho.com.br/artigos/artigodomes1299.htm>. Acesso em 10.01.2006.

BRADWAY, Lauren. **Ensinando as crianças a serem apaziguadoras (pacificadoras)**. Disponível in http://www.golfinho.com.br/artigos/ensinando_paz.htm. Acesso em 22.01.06

CORTI, Ada. **Mediación escolar: algo más que una técnica de resolución de conflictos**. Disponible in <http://www.mediacioneducativa.com.ar/experien11.htm>. Acesso em 05.05.2004.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Por uma cultura de paz**. Disponível in <http://www.educapaz.org.br/texto3.htm>. Acesso em 25.05.2004.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Uma escola para a paz: a educação em tempos de violência**. <http://www.educapaz.org.br/texto1.htm> Acesso em 25.05.2004.

JONES, Tricia S. **Conflict resolution education: goals, models, benefits and implementation**. Disponível in <http://www.directionservice.org/cadre/pfriendly.cfm?id=715> Acesso em 12.02.2005.

MATOS, M., e CARVALHOSA, Susana F. (2001). **A violência na escola: vítimas, provocadores e outros**. Tema 2, n.º 1. Faculdade de Motricidade Humana/ PEPT – Saúde/GPT da CM Lisboa.

MATOS, M., e CARVALHOSA, Susana F. **Saúde mental e mal estar físico na idade escolar**. Disponível in www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/saudemental/pdf. Acesso em 23.02.2006.

OLIVERA, Mirta Gómez. **Técnicas de resolución de conflictos: por qué implementar programas de mediación escolar en las instituciones educativas?** Disponível in <http://www.mediacioneducativa.com.ar/experien14.htm>. Acesso em 05.05.2004.

SCHABELL, Corinna. **Mediação escolar de pares – semeando a paz entre os jovens**. São Paulo: Willis Harman House, 2002.

SALES, Lília Maia de Moraes Sales. **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

_____. **Mediare** – Um guia prático para mediadores, Secretaria da Justiça e Cidadania, Fortaleza:Universidade de Fortaleza, 2005.

SELIGMAN, Martin E. P. **Felicidade Autêntica** – Usando a nova Psicologia positiva para a realização permanente, Rio de Janeiro:Objetiva, 2004.

SELIGMAN, Martin E. P. **The Optimistic Child**: a proven program to safeguard children against depression and build lifelong resilience. Boston: Mass Houghton Mifflin, 1995.

ZALUAR Alba, LEAL. Maria Cristina. **Violência extra e intramuros**. Disponível in http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092001000100008&lng=es&nr m=iso&tlng=pt. Acesso em 20.01.06

b) Documentos

A realidade da escola brasileira. www.educacional.com.br acesso em 03.06.2005.

EICaMe – Equipo Interdisciplinario Capacitador en Mediación Educativa. Autogestión institucional: un medio para la excelencia educativa. Disponível in <http://www.mediacioneducativa.com.ar/notas2.htm>. Acesso em 05.05.2004

Felicidade – Disponível in <http://www.genismo.com/metatexto36.htm>. Acesso em 27.11.2005.

Programa Nacional de Mediación Escolar. Objetivos. Disponível in <http://www.me.gov.ar/mediacion/objetivos.html> Acesso em 26.09.2004.

UNESCO – Manifiesto 2000 por una cultura de paz y no violencia. Disponível in http://www3.unesco.org/manifiesto2000/sp/sp_manieste.htm. Acesso em 16.10.2004.